

**#BHNASRUAS: UMA ANÁLISE DO CONFRONTO POLÍTICO
CONTEMPORÂNEO A PARTIR DE PÁGINAS DO FACEBOOK¹**

Maria Alice Silveira Ferreira²

RESUMO

Os recentes protestos em todo o mundo têm chamado a atenção de pesquisadores e da opinião pública sobre as ações de confronto político contemporâneo e a relação que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm nesse processo. Este trabalho teve como objetivo analisar as ações contenciosas da atualidade associadas ao uso da internet e, principalmente, das redes sociais on-line. A partir da análise de três páginas do Facebook, procurou-se entender como se deu a organização, a mobilização e os quadros de ação pessoal nas postagens dessas páginas durante os protestos de junho de 2013 na cidade de Belo Horizonte. Para subsidiar a pesquisa apresenta-se, inicialmente, alguns conceitos da abordagem do confronto político. Também é feita uma discussão sobre como a internet e, principalmente, as redes sociais on-line, têm sido utilizadas como espaço de ativismo. Para esse debate foi trabalhado o conceito de ação conectiva, desenvolvido por Bennett e Segerberg (2013). Ao final, foi feita uma análise de conteúdo das postagens de três páginas do Facebook durante os protestos de junho de 2013 na cidade de Belo Horizonte. As páginas escolhidas foram: Assembleia Popular Horizontal (APH); BH nas Ruas e Vem pra Rua BH. Procuramos identificar no conteúdo das páginas três importantes elementos para as ações conectivas de confronto: 1) organização; 2) mobilização e 3) quadros de ação pessoal. Por meio da pesquisa, foram encontrados fortes elementos de mobilização nas páginas APH e Vem pra Rua BH. Os aspectos de organização foram identificados principalmente nas páginas BH nas Ruas e APH. Os quadros de ação pessoal, por sua vez, foram mais encontrados nas páginas Vem pra Rua BH.

Palavras-chave: Confronto político; Internet; Protestos de junho; Ação conectiva; Facebook.

ABSTRACT

The recent protests all over the world has been target of attention of researchers and public opinion about the contemporary political contentious actions and the relationship of information and communication technologies (ICTs) in this process. This paper aims to analyse the contentious actions nowadays associated with the use of internet and social media networks. Based on the analysis of three pages of Facebook, we sought to understand how the organization, the mobilization and the personal action frames occurred in the posts of these pages during the protests of June 2013 in the city of Belo Horizonte. To subsidize the research, we present, initially, some concepts of the approach of political confrontation. There is also a discussion about how the internet and online social networks have been used as a space for activism. For this debate the concept of connective action was worked (Bennett and Segerberg, 2013). In the end, a content analysis of the posts of three Facebook pages was made during the protests of June 2013 in the city of Belo Horizonte. The pages chosen were: Assembleia Popular Horizontal (APH); BH nas Ruas and Vem pra Rua BH. We try to identify in the content of the pages three important elements for the confrontational actions of confrontation: 1) organization; 2) mobilization and 3) personal action frameworks. Through the research, strong elements of mobilization were found in the pages APH and Vem pra Rua BH. Organizational aspects were identified mainly on pages BH nas Ruas and APH. The personal action frames, in turn, were most often found on the pages Vem pra Rua BH.

Keywords: Political confrontation; Internet; Protests from June; Connective action; Facebook.

RESUMEN

Las recientes protestas en todo el mundo han llamado la atención de los investigadores y del público acerca de las acciones de confrontación política contemporánea y la relación con las tecnologías de la información y la comunicación (TIC). Este estudio tuvo como objetivo analizar las recientes acciones polémicas asociadas con el

¹ Enviado em: 19/09/2016.

Aceito para publicação em: 21/12/2016

² Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestra em Ciência Política pela mesma Universidade. Possui especialização *latu sensu* em Produção de Mídias Digitais. Trabalha com ações de confronto contemporâneas associadas ao uso das tecnologias de informação e comunicação. É pesquisadora do Centro de Pesquisas em Política e Internet (CePPI/UFMG) e do Projeto Democracia Participativa (PRODEP/UFMG). E-mail: m.alicesilveira@gmail.com

uso de Internet y las redes sociales en línea. A partir del análisis de tres páginas de Facebook, hemos tratado de entender cómo era la organización, movilización y marcos de acción personal en las mensajes de estas páginas durante las protestas del mes de junio de 2013 en la ciudad de Belo Horizonte. Para apoyar la investigación presenta algunos conceptos del enfoque de política contenciosa. También se hace un análisis de cómo Internet y las redes sociales en línea se han utilizado como espacio de activismo. Para este debate estaba trabajando el concepto de acción conectiva, desarrollado por Bennett y Segerberg (2013). Por último, se realizó un análisis del contenido de los puestos de tres páginas de Facebook durante las protestas del mes de junio de 2013 en la ciudad de Belo Horizonte. Las páginas elegidas fueron: Assembleia Popular Horizontal (APH); BH nas Ruas y Vem pra Rua BH. Buscamos identificar el contenido de las páginas tres elementos importantes para las acciones conectivos en conflicto: 1) la organización; 2) la movilización y 3) marcos de acción personal. A través de la investigación, se encontraron con fuertes elementos de movilización en las páginas APH y Vem pra Rua BH. Se identificaron los aspectos de organización, principalmente en páginas BH nas Ruas y APH. Las, marcos de la acción personal, a su vez, fueron más que se encuentran en las páginas Vem pra Rua BH.

Palabras-clave: La confrontación política; Internet; Protestas de junio; Acción conectiva; Facebook.

1. INTRODUÇÃO

Muito tem sido falado sobre os recentes protestos em todo mundo. Temos acompanhado, nos últimos anos, inúmeras ações de confronto em grande escala contra Estados e Instituições. Jornais, revistas, TVs e, principalmente, as mídias sociais têm registrado intensamente imagens, vídeos e relatos de milhares de pessoas ocupando ruas e praças em diversos países. Primavera Árabe, Indignados e *Occupy Wall Street* foram algumas das ações de protestos que ocorreram nos últimos anos. Em 2013, o Brasil também viveu uma grande onda de protestos. Ainda bastante recente na memória dos brasileiros, o mês de junho daquele ano foi marcado por intensas e grandes manifestações contra o governo, a corrupção e a Copa do Mundo da FIFA de 2014.

Apesar de suas peculiaridades e contextos distintos, uma importante característica dessas ações de confronto foi o uso intenso das mídias sociais privadas (Facebook, Twitter, Instagram, YouTube entre outros) durante os protestos, sendo parte fundamental para mobilização e articulação desses atos. Essas ações, sem dúvida, chamaram a atenção da opinião pública e de especialistas, gerando muitas perguntas: *o que fez milhares de pessoas irem às ruas? Como esses protestos foram gestados? Qual foi o papel da internet e das redes sociais on-line nesse processo? Que novidades para o estudo da ação coletiva esses protestos poderiam trazer?*

É dentro deste contexto que foi feito este trabalho. Este artigo busca contribuir com as recentes discussões sobre as ações de confronto político contemporâneas e qual o papel da internet nesses processos. Para este trabalho foi feita uma análise das postagens de três páginas do Facebook durante as manifestações que ocorreram em junho de 2013 na cidade de Belo Horizonte.

A relevância deste estudo se justifica pela necessidade de compreender se tem dado a gestão, organização e mobilização nas lutas políticas da atualidade. A literatura sobre internet

e política aponta que inovações tecnológicas dos últimos 20 anos trouxeram mudanças nas dinâmicas e formas de ação política (CASTELLS, 2004; 2013; PEREIRA, 2011; BENNET & TOFT, 2009; HIDMAN, 2009; BIMBER, STOLH & FLANAGIN, 2012). Nos últimos anos, pesquisadores têm encontrado novas formas de atividades políticas que não seria possível sem a mediação de tecnologias de informação e comunicação (HIDMAN, 2009). A internet se torna, então, um importante espaço e ferramenta da luta política contemporânea, intensificando as tradicionais formas de ativismo e criando novas formas de ação.

O artigo encontra-se dividido em quatro partes além da introdução e considerações finais. Na primeira parte foi feita uma revisão teórica acerca da ação política de confronto. Para isso, foi feita uma discussão sobre o Confronto Político, abordagem teórica que norteia este trabalho. Na segunda parte, foi feita uma discussão sobre as ações de confronto contemporâneas e o uso da internet como forma de mediar essas ações, concentrando em discutir como a internet e, principalmente, as redes sociais on-line, têm sido utilizadas como espaço de ativismo (PEREIRA, 2011; BENNET e TOFT, 2009; BIMBER, STOLH e FLANAGIN, 2012), seja apenas dentro dele, ou em um espaço híbrido, on-line e off-line (CASTELLS, 2013). Ainda nessa sessão, discutiremos o conceito de ação conectiva, elaborado por Bennett e Segerberg, e que guiará a análise empírica do trabalho.

Na terceira parte, foi feita uma breve, mas necessária, contextualização das intensas manifestações de rua que ocorreram no Brasil em junho de 2013, com foco nos acontecimentos em Belo Horizonte. Por fim, realizou-se uma análise das postagens de três páginas do Facebook bastante ativas durante os protestos de Junho na cidade de Belo Horizonte: Assembleia Popular Horizontal; BH nas Ruas e Vem pra Rua BH. Na pesquisa, procurou-se identificar três elementos: a organização, a mobilização e os quadros de ação pessoal nas postagens (*posts*) dessas páginas durante o período dos protestos. A análise desses elementos se justifica por tratar-se de características da ação conectiva (BENNETT & SEGERBERG, 2012), o que pode nos ajudar a compreender as características específicas dos protestos contemporâneos.

2. O CONFRONTO POLÍTICO

Fruto de um processo de autocrítica e revisão dos próprios proponentes da Teoria do Processo Político³ (TPP), McADAM, TILLY, TARROW inauguram no final da década de

³ De uma forma geral, a TPP é uma das correntes teóricas que surge na década de 1960 e entende que a análise da ação coletiva vai se dar a partir do entendimento das estruturas e processos. Ou seja, ela leva em conta a ação dos indivíduos a partir do contexto institucional em que eles estão inseridos. Esse viés estruturalista, porém,

1990 uma agenda de estudos sobre ações políticas contenciosas⁴. A abordagem buscou expandir a análise teórica da TPP do estudo limitado sobre movimentos sociais, dando atenção para um fenômeno mais amplo, abarcando outros tipos de confronto coletivo, como revoluções, rebeliões, guerras civis entre outros (EDWARDS, 2014; McADAM, TILLY & TARROW, 2001; 2009).

Para os autores, a ação coletiva política contenciosa pode ser entendida como algo episódico, público e de interação entre indivíduos (McADAM, TARROW & TILLY, 2001). O confronto ocorre por meio de uma ação coletiva. A base dos movimentos, protestos e revoluções se concentra nessa ação coletiva de confronto (TARROW, 2009). A ação coletiva, por sua vez, é entendida como um esforço mútuo em favor de um compartilhamento de interesses e programas. Ela nem sempre é contenciosa e nem sempre está no campo da política.

Nesse sentido, Tarrow (2009) afirma que a ação se torna contenciosa quando ela é realizada por pessoas que não têm acesso às instituições, desafiando os outros, as autoridades e o Estado e reivindicando novas demandas. Ela ocorre quando “pessoas comuns, sempre aliadas a cidadãos mais influentes, juntam forças para fazer frente às elites, autoridades e opositores” (TARROW, 2009, p. 18). A ação coletiva de confronto tende a ser disruptiva, seja ela contra as elites, estados ou códigos culturais. A ideia da ação é interromper ou tornar incertas as atividades do opositor (TARROW, 2009).

Outra contribuição da abordagem do Confronto Político é que ela desenvolve os conceitos de repertórios de ação e performances públicas⁵. Ao procurar identificar as maneiras políticas de agir, Tilly utiliza o conceito de repertórios de ação coletiva, que seriam utilizados para “designar o pequeno leque de maneiras de fazer política num dado período histórico” (ALONSO, 2012, p. 29). Para Tilly, o conceito buscava levar em conta a temporalidade lenta das estruturas culturais ao mesmo tempo em que dava espaço aos agentes (ALONSO, 2012).

Em um dado tempo e lugar, as pessoas aprendem um determinado número de performances que utilizam para fazer suas reivindicações. Petições públicas, manifestações e greves são exemplos de performances. Essas ações públicas ligam, pelo menos, dois atores: um reclamante e um objeto de reclamação, e é aí que se encontra o caráter relacional da ação.

sofreu duras críticas, o que desencadeou o surgimento de duas vertentes da teoria: a abordagem construcionista (quadros interpretativos) e a abordagem do Confronto Político. Sobre a TPP ver Tilly (1978), Tarrow (2009) e McAdam (1982). Sobre a abordagem construcionista ver Kurzman (1997); Giugni (1998) e Snow & BENFORD (1992).

⁴ Apesar de serem conceitos importantes para a abordagem do confronto político, neste artigo não iremos apresentar os conceitos de episódios, eventos e ciclos de confrontos.

⁵ A ideia de repertórios de ação surge na obra de Tilly ainda na década de 1970 com a TPP, mas é na década de 1990 e com a abordagem do Confronto Político que o conceito se consolidou como central na obra do autor.

Essas ações são herdadas e reproduzidas o tempo todo. Segundo Tilly (2008), as performances nunca são iguais uma vez que os participantes improvisam constantemente dependendo do contexto social e político.

O conjunto de performances disponíveis forma um repertório de ação. As performances se agrupam em repertórios de rotinas de reivindicações que podem ser aplicadas na relação entre reivindicantes e objetos de reivindicação. A existência de um repertório de ação significa que o reivindicante tem mais do que um caminho para fazer suas reivindicações (TILLY, 2008). Os repertórios variam de lugar para lugar, de tempos em tempos e de espaços para espaços. De forma geral, quando as pessoas fazem suas reivindicações, performando, elas frequentemente estão inovando. Porém, essas inovações ocorrem dentro de um conjunto de limites colocados por um repertório já estabelecido naquele lugar, no tempo e no espaço (TILLY, 2008).

As demonstrações de rua são exemplos de performances que surgiram no século XVII e são utilizadas até os dias de hoje. Os ativistas aprenderam a montar as três variações das demonstrações de ruas: marcha através das ruas públicas; ocupação organizada de um espaço público; e a combinação dos dois em uma marcha para ou de um encontro público (TILLY, 2008). Segundo Tilly (2008), as demonstrações de rua tiveram seu início sem a mediação ou consenso das autoridades nacionais, mostrando assim, a voz popular. Dessa forma, essa ação pública sinalizou a presença de um forte ator político. Nos últimos anos, as demonstrações têm trazido uma grande quantidade de indivíduos às ruas. Marchas, protestos em larga escala e ocupações (muitas delas em praças públicas) tem se tornado bastante comuns em diversos países, com contextos histórico e político diversos e regimes bastante diferentes.

3. A INTERNET E O CONFRONTO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO

A literatura sobre as tecnologias de informação e comunicação (TICs) e sociedade (SILVA, 2005; CASTELLS, 2003; LÉVY, 1999) vem reconhecendo que o surgimento e o avanço das TICs têm contribuído para diversas mudanças nas relações sociais, políticas e culturais da sociedade contemporânea, trazendo novas formas de se pensar e agir (CASTELLS, 1999; LÉVY, 1999; LEMOS, 2002). No âmbito dos estudos sobre internet e política, muitas pesquisas têm procurado entender os impactos e o papel das TICs nas democracias contemporâneas, e como essas novas tecnologias possibilitariam uma ampliação da participação democrática.

Para Cardon (2012) o lugar da internet no jogo político ainda é inclassificável, mas ela, de fato, estimula todas as experiências que ultrapassam a relação entre representantes e

representados. “Ela não permite somente comunicar mais, melhor e mais rápido; ela alarga formidavelmente o espaço público e transforma a própria natureza da democracia” (CARDON, 2012, p.01). Para Margetts (2013), a internet permite que os cidadãos possam se juntar livremente a outros cidadãos e compartilhar suas opiniões e interesses sobre determinado assunto. Dessa forma, ela pode reduzir os problemas de ação coletiva associados às atividades de organizações tradicionais com a redução de custos dos mais variados tipos, confundindo os limites entre o público e privado e facilitando a informação e o processo de comunicação (EARL & KIMPORT, 2011; BIMBER et al., 2005 apud BIMBER, STOHL e FLANAGIN, 2012).

Com o surgimento da web 2.0 as redes sociais online se ampliaram e se intensificou ainda mais o processo comunicacional entre os indivíduos. As plataformas digitais privadas estão entre os sites mais acessados do mundo e têm se tornado importantes ou principais fontes de informação para muitas pessoas. Redes sociais, como o Facebook, por exemplo, podem oferecer um ambiente mais receptivo para aqueles que normalmente não participam da vida política. Ao verem seus amigos engajados em uma situação política, eles se sentem instigados a explorar a atividade.

As mídias digitais, portanto, têm sido utilizadas para conectar os participantes, desde os mais engajados até os observadores (BENNETT, SEGERBERG & WALKER, 2014). As inovações tecnológicas (internet, celulares) permitiram aos manifestantes uma comunicação mais rápida e fácil no calor da ação. Por meio das redes sociais on-line, tem sido possível uma maior articulação entre os manifestantes e a difusão da informação para a organização da ação coletiva. Os indivíduos descontentes se apoderaram de oportunidades para se organizarem coletivamente por meio das redes digitais. Essas redes, por sua vez, alimentavam as interações face a face e vice-versa (BENNETT & SEGERBERG, 2013).

Ação conectiva

Como foi visto, as ações de confronto não são novas e sempre estiveram presentes na luta política. Pelo seu caráter relacional, essas ações de protesto são capazes de se adaptar às características das sociedades, criando novas performances para a ação coletiva. Nesse sentido, as recentes mobilizações políticas que ocorreram no mundo nos últimos anos têm chamado atenção sobre as mudanças na ação coletiva e sobre qual lugar a internet estaria ocupando nessa nova configuração.

As novas ações parecem desafiar as análises tradicionais da ação coletiva, que se concentram nos estudos das organizações formais, lideranças, organizações de recursos, coalizões e formação de quadros de ação coletiva (BENNETT e SEGERBERG, 2013). O uso da internet na política sugere que o escopo da ação coletiva guiado pela teoria deve ser expandido para tentar incorporar essas novas formas de ação, juntamente com as ações tradicionais (BIMBER, STOHL e FLANAGIN, 2009). Bennett e Segerberg (2013) destacam que as recentes mobilizações não podem ser entendidas somente pela lógica da ação coletiva tradicional. Segundo os autores, ao colocarmos essas mobilizações recentes dentro da lógica das velhas categorias, corremos o risco de não entendermos um fenômeno bastante interessante dos nossos tempos, que é a “capacidade de as populações fragmentadas e individualizadas de compartilhar conteúdos pessoalmente, transformando identidades coletivas e encontrando novas formas de mobilizar redes de protesto em Wall Street, Madrid e Cairo” (BENNETT & SEGERBERG, 2013, p. 29 – tradução livre).

É dentro deste contexto que os autores elaboram uma série de estudos sobre o que eles chamam de ação conectiva. Essa ação, segundo os autores, se caracteriza principalmente por serem mediadas por redes digitais e por quadros de ação pessoal. O confronto político da atualidade será composto, muitas vezes, por essas ações conectivas. Nesse sentido, os autores apontam algumas características que podemos observar nessas ações de confronto: 1) elas conseguem se ampliar rapidamente; 2) produzem largas mobilizações; 3) têm maior flexibilidade em rastrear alvos políticos e fazer pontes entre diferentes questões e 4) possuem capacidade de construir repertórios de protestos adaptáveis.

Bennett e Segerberg (2013) partem da ideia de que existem duas lógicas organizacionais diferentes: a lógica da ação coletiva (tradicional) e a lógica da ação conectiva. Na ação coletiva, o papel da mídia é importante porque ela pode ajudar a reduzir os custos da organização. No entanto, as TICs não mudam fundamentalmente a dinâmica da ação. Elas servem muito mais para gerenciar e coordenar a participação do que para gerar ações auto-organizadas pelos indivíduos. Já na ação conectiva, as mídias digitais são capazes de mudar a dinâmica da ação. Ela opera por meio de “processos organizacionais das mídias sociais e a sua lógica não requer forte controle organizacional ou uma construção simbólica de uma unidade do ‘nós’” (BENNETT & SEGERBERG, 2013, p. 28 – tradução livre). De acordo com Bennett, Segerberg e Walker (2014) as ações conectivas se comportam como redes híbridas e são capazes de produzir níveis consideráveis de coordenação.

Segundo os autores, há três tipos de ações que envolvem as mídias digitais no confronto contemporâneo. A primeira delas diz respeito a uma *ação coletiva organizacionalmente mediada*: trata-se de coalizões fortemente mediadas entre as organizações que procuram um quadro de ação em comum. Nessas ações, as mídias digitais são usadas para diminuir os custos de coordenação e comunicação, mas elas não mudam a lógica da ação. O segundo tipo de ação diz respeito à *ação conectiva possibilitada organizacionalmente*: são redes de organização tênues, impulsionando múltiplas ações e causas em torno de um conjunto geral de questões, onde os seguidores podem personalizar seus engajamentos nos seus próprios termos. Por fim, os autores descrevem *ação conectiva voltada para a multidão*⁶: essa ação é formada por redes densas de indivíduos, em que as mídias digitais são mecanismos mais visíveis e integrativos. Nesse sentido, as redes sociais on-line facilitarão as ações face a face dos ativistas, dando maior escala e publicidade. A centralidade das plataformas digitais como eixos organizadores da ação, juntamente com papéis de indivíduos em ativar suas próprias redes sociais, resulta em uma dinâmica organizacional em que as multidões alocam recursos, respondem a eventos externos e revelam mudanças ao longo do tempo. As recentes mobilizações, como o *Occupy Wall Street*, *Indignados* e *Primavera Árabe*, são entendidas aqui como esse tipo de ação.

Uma das características da ação conectiva apontada pelos autores é o engajamento político personalizado em larga escala mediado pelas tecnologias digitais. Segundo Bennett e Segerberg (2013), o pano de fundo desses protestos contemporâneos passa por um processo de fragmentação estrutural e por individualização das sociedades (BENNETT e SEGERBERG, 2012). Essas mudanças, conseqüentemente, afetam a maneira como as pessoas veem o mundo e participam da política.

De acordo com os autores, a ação conectiva, personalizada, contribui para a construção do que eles chamam de quadros de ação pessoal. Bennett e Segerberg (2013) identificam dois elementos que contribuem para a formação dos quadros e para as ações de larga escala. O primeiro elemento diz respeito a uma inclusividade simbólica. Isso quer dizer que as ações conectivas em larga escala muitas vezes trabalham com conteúdos que podem estar relacionados a linguagem e as emoções, sendo capazes de facilitar ideias personalizadas, como é o caso dos “We are 99%”, do *Occupy Wall Street*, e o “Vem pra rua!” nas Jornadas de Junho. Segundo Bennett e Segerberg, esses enquadramentos requerem pouco esforço tanto

⁶ No texto original, Bennett e Segerberg (2013) identificam as ações como: *Crowd-enabled networks* e *Organizationally enabled networks*. Por falta de tradução melhor, os termos foram traduzidos respectivamente como *Ação conectiva voltada para a multidão* e *Ação conectiva possibilitada organizacionalmente*.

para persuadir um indivíduo para aderir à ideia quanto para fazer pontes entre outros quadros interpretativos. Eles são inclusivos porque contestam uma situação geral que precisa ser mudada e não demandam uma maior identificação de mudança dos indivíduos.

O segundo elemento está relacionado à abertura tecnológica. Como apontam Bennett e Segerberg (2013), a maior parte das ações conectivas em larga escala estão baseadas nas tecnologias de comunicação social, que tornam possível o compartilhamento e, conseqüentemente, a difusão desses temas inclusivos. Esse processo comunicacional, que se dá por meio de compartilhamentos de textos, tuítes e vídeos em redes sociais, aumenta ainda mais a personalização, uma vez que as conexões digitais sempre passam entre amigos, família e pessoas de confiança. Esses quadros de ação pessoal, em geral, são mais fáceis de serem moldados e compartilhados entre as redes dos indivíduos. Na internet, esses quadros muitas vezes são transformados em memes⁷ ou em frases viralizadas, que, pela natureza da sua criação e dinâmica da rede, se espalham de forma rápida. Nesse sentido, acreditamos que a luta política se tem passado muitas vezes pelas redes sociais on-line.

4. JUNHO DE 2013 E AS MANIFESTAÇÕES EM BELO HORIZONTE

É importante destacar aqui que este trabalho não tem como objetivo fazer uma análise de Junho de 2013 e seus desdobramentos na vida política brasileira. Sabe-se que já vem sendo produzida uma série de trabalhos sobre esse importante período e quais impactos dessas manifestações no contexto político atual (GOHN, 2014; 2016; NOGUEIRA, 2013; ALONSO & MISCHÉ, 2016). No entanto, o foco desse artigo é entender as ações de confronto digitalmente mediadas a partir de um momento histórico específico. Nesse sentido, acredita-se então, que as Jornadas de Junho de 2013 fazem parte do confronto político contemporâneo e que muitas das ações realizadas durante os protestos podem ser aqui entendidas como ações conectivas, em que as redes digitais foram centrais para a organização e desenvolvimento dos protestos.

Aqui faremos apenas uma breve contextualização para o leitor do que ocorreu naquele mês, principalmente em Belo Horizonte. Tal recorte se faz necessário porque, apesar de as manifestações terem apresentado algumas características gerais, em cada cidade elas tiveram peculiaridades e especificidades, e não seria possível abordá-las neste espaço.

⁷ Memes na internet referem-se a imagens, links, vídeos etc., utilizados para caracterizar uma ideia ou um conceito, e que se espalham rapidamente pela web. A palavra *meme* tem origem no livro *The Selfish Gene*, de Richard Dawkins, e significava um conjunto de informações que podem se multiplicar entre os cérebros ou em determinados locais como livros, por exemplo.

Disponível em: <http://www.infoescola.com/comunicacao/memes/> Acesso em: 20 maio 2015.

O mês de junho de 2013 entrou para história da vida política do Brasil. Os protestos ocorridos em várias cidades levaram às ruas milhares de pessoas e chamaram a atenção da opinião pública, instigando especialistas a procurarem entender o que estava acontecendo no país. Partimos do entendimento de que as manifestações de junho não surgiram de forma espontânea, como foi dito algumas vezes pela opinião pública. Ao falarmos sobre elas, é preciso levar em conta a existência de pauta de lutas sobre direito à cidade, que antecederam 2013 e que tiveram efeitos diretos nas manifestações. Essas pautas versavam principalmente sobre transporte público e moradia, e vinham se intensificando desde meados da primeira década do século XXI no país, como é o caso do Movimento Passe Livre (MPL)⁸ em São Paulo e do Comitê dos Atingidos pela Copa (COPAC), em Belo Horizonte⁹.

Partimos da ideia de que a onda de manifestações no país teve seu início no protesto do dia 13 de junho, em São Paulo, que deixou jornalistas e manifestantes feridos e marcou a mudança da opinião pública sobre os atos. O discurso sobre o abuso da força policial ganhou força tanto nos meios de comunicação tradicionais como nas redes sociais on-line (JUDENSNAIDER *et al.*, 2013). A violência policial repercutiu de forma bastante negativa nas redes sociais on-line e a indignação se espalhou por todo o País. A partir daí inúmeros protestos começaram a ser organizados no Brasil. Dessa forma, a segunda quinzena do mês de junho de 2013 foi marcada por uma intensa onda de manifestações, que se espalhou por todo o País. Entoando o cântico “Vem pra rua!”¹⁰, milhares de brasileiros aderiram aos protestos e encheram as ruas das cidades brasileiras.

Em Belo Horizonte não foi diferente. Inspiradas pelos protestos em São Paulo e também pelas recentes ações em todo o mundo, as pessoas se sentiram entusiasmadas para se engajar nos protestos, tanto nas ruas como nas redes sociais on-line, que foram utilizadas para divulgação, mobilização e organização das manifestações, além de terem sido palco de discussões sobre os rumos que os protestos poderiam estar tomando¹¹.

⁸ O MPL surge em 2005, no Fórum Social Mundial, a partir da junção de vários coletivos e ativistas, entre eles o Centro de Mídia Independente (CMI) (RICCI e ARLEY, 2014; POMAR, 2013). Em sua página da internet, o movimento se autodenomina como “um movimento social autônomo, apartidário⁸, horizontal e independente, que luta por um *transporte público de verdade*, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”. Fonte: <<http://tarifazero.org/mpl/>> Acesso em 10 jun. 2015.

⁹ O Comitê dos Atingidos pela Copa (COPAC) foi criado em 2010, durante o Encontro das Comunidades de Resistência. O comitê estava vinculado à Articulação Nacional de Comitês Populares da Copa (ANCOP), que reuniu outros comitês locais, com o objetivo de denunciar violações de direitos humanos ocorridas para a realização de megaeventos (PEREIRA, 2015). Segundo Pereira (2015), esses comitês tiveram um importante papel durante as Jornadas de Junho.

¹⁰ A frase “Vem pra rua” surgiu do jingle gravado pelo grupo O Rappa para uma campanha publicitária da FIAT para a Copa das Confederações de 2013. O trecho da música “Vem pra rua, porque a rua é a maior arquibancada do Brasil” entoou as inúmeras manifestações de junho.

¹¹ Ver trabalhos de Pereira e Perini (2014) e Pereira (2015).

Na capital mineira, coletivos de lutas urbanas¹² já vinham se organizando nos últimos anos com pautas relacionadas ao direito à cidade, cultura, moradia e aos impactos causados pelos megaeventos. A primeira grande manifestação do mês de junho em Belo Horizonte ocorreu no dia 15 daquele mês, no mesmo dia em que era realizado o primeiro jogo da Copa das Confederações, no Estádio Nacional Mané Garrincha, em Brasília (RICCI & ARLEY, 2014; PEREIRA e PERINI, 2014). Não houve confronto com a polícia.

A segunda grande manifestação ocorreu no dia 17 de junho (segunda-feira), no mesmo momento em que ocorria o primeiro jogo da Copa das Confederações em Belo Horizonte, no Mineirão. O protesto reuniu cerca de 30 mil pessoas, segundo a PM (RICCI & ARLEY, 2014). Nesse dia, os manifestantes concentraram-se na Praça Sete de Setembro, localizada no centro da cidade e conhecida como palco de várias manifestações na capital, e de lá caminharam de forma pacífica pela Avenida Antônio Carlos, em direção ao Mineirão (cerca de 9 km). O confronto com a polícia começou quando os manifestantes tentaram romper o cerco policial, com o objetivo de seguirem para o estádio. Ônibus foram pichados e a polícia respondeu com bombas de gás lacrimogêneo e balas de borrachas. Nesse dia, duas pessoas caíram do viaduto José Alencar (no entroncamento entre as avenidas Abraão Caram e Antônio Carlos) e se feriram.

Outras manifestações ocorreram nos dias 19, 22 e 26 de junho. O maior protesto em Belo Horizonte durante o mês de junho ocorreu no dia 22 do mesmo mês, quando mais de 60 mil pessoas fizeram o mesmo percurso do dia 17: concentraram-se na Praça Sete de Setembro e foram caminhando em direção ao Mineirão. Naquele dia, ocorria mais um Jogo da Copa das Confederações no Mineirão. Mais uma vez houve confronto com a polícia. Alguns manifestantes depredaram concessionárias de carros. Os policiais usaram bombas de gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral e balas de borracha para conter os manifestantes. Esses, por sua vez, respondiam com rojões, pedras, bombas caseiras e coquetéis molotov (RICCI & ARLEY, 2014). Durante o confronto, um jovem de 22 anos, Luiz Felipe Aniceto de Almeida, caiu do mesmo viaduto citado anteriormente e veio a falecer dias depois. Na manifestação do dia 26 de junho novos confrontos aconteceram. Concessionárias, e postos de gasolinas foram depredados, lojas foram saqueadas. Outro jovem, Douglas Henrique de Oliveira Sousa, de 21 anos, caiu do viaduto e faleceu. Ao todo, durante os confrontos, seis pessoas caíram do viaduto durante as manifestações naquele mês, sendo que duas foram a óbito.

¹² Alguns dos importantes coletivos de luta em Belo Horizonte: Brigadas Populares, Coletivo Jurídico Margarida Alves, Fora Lacerda, Praia da Estação e Carnaval de Rua de BH

Os acontecimentos ocorridos nessas manifestações eram relatados em tempo real nas redes sociais on-line por quem participava. Muitas pessoas acompanhavam os protestos por meio de canais alternativos de informação, como o Mídia Ninja¹³, que fazia uma transmissão on-line dos protestos, por meio de filmagem de celular e conexão com a internet, e a página BH nas Ruas, como veremos a frente, que divulgava fotos e informações sobre as manifestações.

É importante destacar ainda, que noção propagada de que as manifestações eram totalmente espontâneas, sem líderes e sem organização é vista como uma ideia equivocada por muitos autores (PEREIRA, 2015; MENDONÇA & ERCAN, 2014). Ao observarmos mais atentamente os protestos, podemos identificar formas de organização e importantes tomadas de decisão durante o período das manifestações. Nesse sentido, as Assembleias Populares Horizontais (APH) tiveram um papel fundamental durante as manifestações em Belo Horizonte.

5. #BHNASRUAS: uma análise de páginas no Facebook

A partir do que foi discutido neste trabalho propomos aqui uma análise de conteúdo das postagens de três páginas do Facebook criadas durante o período das manifestações de junho de 2013. A escolha da rede social Facebook foi feita pelo fato de esta ser a principal rede social utilizada pelos brasileiros¹⁴ e por ter desempenhado importante papel durante aquelas manifestações, circulando um grande fluxo de informações sobre os protestos.

As postagens analisadas se referem aos dias 15 a 30 junho de 2013. Tal recorte foi feito por se tratar do período intenso em que ocorreram as manifestações em Belo Horizonte. Os dados foram extraídos por meio do aplicativo Netvizz¹⁵, capaz de coletar dados do Facebook (páginas, perfis e grupos).

¹³ A Mídia Ninja, sigla para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, é um projeto vinculado a POSTV. A POSTV, por sua vez, trata-se de uma TV aberta livre (segundo a definição na página do Facebook). O prefixo pós vem da ideia de pós-jornalistas e pós-espectadores. A Mídia Ninja foi responsável por transmitir ao vivo, por meio de um celular conectado a uma banda larga, importantes imagens das manifestações de junho, como o conflito entre os manifestantes e polícia e a depredação de concessionárias e bancos. Por meio do link que era disponibilizado pela Mídia Ninja foi possível, por exemplo, acompanhar em tempo real quando os manifestantes tiraram o carro da concessionária e botaram fogo.

Link da página no Facebook da Mídia Ninja: <<https://www.facebook.com/midiaNINJA>>

Link da página no Facebook da POSTV: <<https://www.facebook.com/canalpostv/info?tab=overview>>

¹⁴Disponível em <<http://www.techenet.com/2014/05/veja-a-lista-das-redes-sociais-mais-acessadas-no-brasil/>> Acesso em 30 jun. 2015.

¹⁵Disponível em: <https://apps.facebook.com/netvizz/?fb_source=search&ref=ts&fref=ts>. Acesso em 3 ago. 2014.

As páginas selecionadas para análise foram: Assembleia Popular Horizontal¹⁶, BH nas ruas¹⁷ e Vem pra Rua BH¹⁸. A escolha dessas páginas se deu porque elas tiveram um importante papel e influência durante nesse período. Além disso, acredita-se que cada uma delas possui perfil e objetivos diferentes, mas todos relevantes para as manifestações. A página da Assembleia Popular Horizontal (APH) serviu como uma porta-voz dos coletivos que estavam nas manifestações e participavam das Assembleias Horizontais realizadas, durante o período dos protestos, embaixo do viaduto Santa Tereza. Segundo Ricci e Arley (2014), a APH foi organização mais efetiva e agregadora legitimada para convocar atos e manifestações durante aquele período. Além disso, APH teve um importante papel e influência nos protestos na capital mineira para um direcionamento de pautas mais à esquerda¹⁹.

A escolha da página BH nas Ruas se deu porque ela ganhou popularidade no Facebook quando trouxe uma cobertura jornalística colaborativa dos protestos. A página divulgava informações das manifestações em tempo real, o que permitia que muitas pessoas que não estavam nos protestos pudessem acompanhar o que estava acontecendo. A página não possuía um perfil ideológico claro. Por fim, a página Vem pra Rua BH foi escolhida porque direcionava para o quadro de ação pessoal mais popular dos protestos: “Vem pra Rua!”. O Vem pra Rua ficou tão conhecido na opinião pública, que, após as manifestações de junho, um novo movimento foi criado com esse nome²⁰. Como veremos, a página trazia demandas generalistas e relacionados a queixas mais personalizadas e gerais, ou seja, quadros de ação pessoal.

A escolha de páginas relacionadas aos protestos em Belo Horizonte se deu porque é a cidade onde vive a autora deste texto, que acompanhou de perto todo o período das manifestações, seja por interações face a face, participando dos protestos, ou on-line, compartilhando notícias e informações, acompanhando as manifestações por meio de transmissão pela internet, e debatendo sobre os rumos das manifestações.

Para este trabalho, optou-se por fazer uma análise qualitativa dos *posts* publicados (durante as manifestações), apropriando-se das técnicas da análise de conteúdo (BAUER, 2004). A análise de conteúdo clássica, como nos afirma Bauer (2004) é uma técnica que ajuda a “produzir inferências de um texto para o contexto social, de maneira objetivada” (BAUER,

¹⁶Disponível em: <https://www.facebook.com/AssembleiaPopularBH>

¹⁷Disponível em: <https://www.facebook.com/BHnasRuas>

¹⁸Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Vem-Pra-Rua-BH/526279364106164>

¹⁹ Sobre a importância da APH em BH ver Ricci & Arley (2014).

²⁰ Sobre o movimento Vem pra Rua: Disponível em <<http://vemprarua.org/>>. Acesso em 30 jun. 2015.

2004, p. 191). Dessa forma, a interpretação do conteúdo segue em direção ao referencial teórico e o objeto de pesquisa do pesquisador.

Em seu trabalho, Pereira (2015) faz um interessante estudo sobre o conteúdo da página do COPAC-BH a partir do entendimento de três aspectos da ação coletiva: formas de organização, mobilização e processos de construção identitária. Para ele, os estudos sobre participação e política têm se concentrado nesses três aspectos para entender as novas formas de ação coletiva. Neste trabalho, pretende-se seguir a ideia elaborada por Pereira (2015) ao analisar as formas de organização e mobilização. No entanto, optou-se por não trabalhar os processos de construção identitária, e sim os quadros de ação pessoal, uma vez que esses quadros são característicos da ação conectiva.

Dessa forma, a partir do referencial teórico apresentado neste trabalho o objetivo da análise proposta aqui é identificar nos posts das páginas escolhidas os seguintes aspectos da ação política contemporânea: 1) *organização*: diz respeito aos processos organizativos da ação. Para isso, partimos do entendimento de Bennett, Segerberg e Walker (2014) de que as redes digitais funcionam como pontes para transcender interações face a face. Nesse sentido, a ação conectiva opera em redes híbridas, sendo capazes de produzir propriedades organizacionais, 2) *mobilização*: identificar nas páginas quais foram as performances utilizadas durante o período analisado. Pretende-se verificar os tipos de ações que foram convocadas pelas páginas: ações off-line, como protestos nas ruas e ocupações, chamadas para eventos, e ações nas redes on-line, como a assinatura de abaixo assinado eletrônico, “tuitaço”, manifestações e ocupações etc e 3) *quadros de ação pessoal*: a ação conectiva possibilita uma maior formação de enquadramentos pessoais, que são capazes de persuadir mais facilmente os indivíduos a se identificarem com eles (BENNETT E SEGERBERG, 2013).

Considerando que os textos são multimodais e a linguagem da web é construída de hipertextos (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL 2012)²¹, entende-se, assim, que links, imagens e vídeos fazem parte do texto e que, por isso, devem ser interpretados dentro das unidades de análise em que estão inseridos. Dessa forma, ao analisarmos os *posts*, levamos em consideração as imagens e links disponíveis em cada unidade, levando em conta que eles completam o conteúdo da mensagem.

²¹ De acordo com a definição de Lévy (1996) o hipertexto é constituído de nós, que são os elementos de informação como parágrafos, páginas, imagens entre outros e as formas de ligação entre esses nós, como referências, notas, indicadores, botões que efetuam a passagem de um nó para outro. Por se estruturar em rede, o hipertexto se opõe ao texto linear.

5.1 Análise das páginas

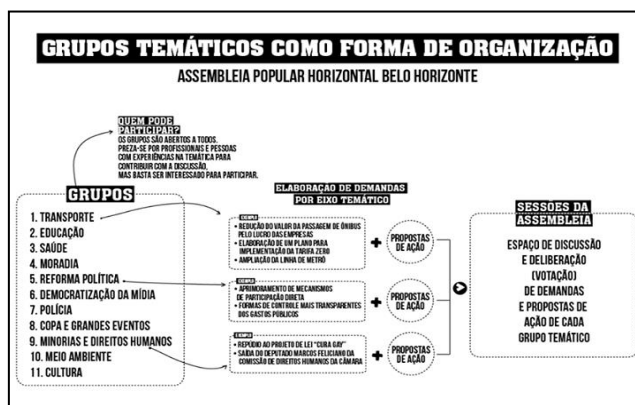
A partir de uma leitura e interpretação atenciosa das postagens coletadas nesse período, realizamos nossa análise no sentido de identificar as três categorias que foram propostas para este trabalho: organização, mobilização e quadro de ação pessoal. Foram analisadas, ao todo 668 postagens. Sendo 148 publicadas na página da Assembleia Popular Horizontal, 490 na página BH nas Ruas e apenas 30 posts da página Vem pra Rua BH. É importante lembrar também que as categorias analisadas não são excludentes, ou seja, em muitas postagens era possível identificar mais de uma característica.

5.1.2 Organização

Na nossa análise foi possível perceber que a página da Assembleia Popular Horizontal tinha forte componente organizacional. Das 148 postagens analisadas nessa página, identificamos que o componente organizacional estava presente em 140 deles (95%). Isso pode ser justificado pelo fato de a APH ter contado com a participação de vários coletivos e movimentos sociais, como as Brigadas Populares, COPAC e também de militantes de partidos de esquerda, tais como PSTU e PSOL. Nesse sentido, a APH procurou divulgar além das chamadas para os protestos, reuniões onde seriam discutidos os próximos passos das manifestações e as próximas ações na cidade, como ilustrado no post abaixo:

Durante a 2ª Sessão esse modelo foi discutido e aprovado. Já na 3ª Sessão os grupos de cada Eixo Temático de Referência foram criados e discutiram muito sob o Viaduto Santa Tereza. Vale destacar que nesta terça, 25, o Eixo COPA E GRANDES EVENTOS, infelizmente, não foi criado. E que espontaneamente foi fundado o Eixo Temático de Referência em CULTURA. Hoje é dia de apresentar essas discussões para todo o coletivo e termos um documento com pautas, problemas e propostas unificado da Assembleia!

Figura 1 - Apresentação dos grupos temáticos



É importante notar aqui, que não identificamos a organização somente da maneira tradicional de ação coletiva. Isso porque, em nossa análise, foi possível perceber elementos organizativos da ação conectiva. Uma grande parte dos elementos identificados nas postagens não estavam relacionados à organização da ação coletiva tradicional, mas sim, a uma lógica organizacional criada por meio da produção entre pares, que se retroalimentam, produzem, distribuem e compartilham informações.

Esse argumento pode ser bastante exemplificado na página BH nas Ruas. Dos 490 posts analisados na página, 460 continham o componente organizacional. A postagem abaixo reforça a ideia mencionada acima de que, ao compartilhar informações, a página estaria contribuindo com a organização das manifestações. A página divulgou uma informação sobre situação de um trecho do percurso que seria feito pelos manifestantes onde a polícia havia montado uma barreira para impedir o avanço da manifestação. Uma vez que os manifestantes ainda não tinham chegado no local onde estava a barreira, ao divulgar essas informações, a página ajudava os manifestantes a decidirem o que fazer sobre aquela situação. Além disso, eles também divulgam em sua página a agenda de todas as manifestações que ocorriam em Belo Horizonte e também o resumo de como havia sido o protesto

A cavalaria da polícia está montando barreira próxima ao Hospital Odilon Behrens para impedir os manifestantes, que já ocupam mais de duas quadras da Afonso Pena, de chegar ao mineirão. O exército também já foi acionado.
#BHnasRuas #ogiganteacordou #vempraru #primaverabrasileira

Na página Vem pra Rua foi identificado 13 postagens com elementos organizacionais, dos 30 analisados (47%). Foi possível identificar aspectos organizacionais como no post abaixo, em que o administrador da página pede que todos compareçam às manifestações com lenços brancos, pedindo paz:

Figura 2- Post pedindo paz



Galera para o protesto amanhã o que vocês acham de levamos um lenço ou um pedaço de lençol branco para mostrar que queremos além de tudo paz em nossas manifestações!!!
#VemPraRuaBH #oGiganteAcordou

FERREIRA, Maria Alice S. *#BHNASRUAS: Uma Análise do Confronto Político Contemporâneo a partir de páginas do Facebook*

5.1.3 Mobilização

Na página da APH, 111 postagens (75%) foram identificadas o elemento mobilização. As publicações, em sua maioria, estavam relacionadas a chamadas para participar de eventos face a face, como manifestações, ocupações e assembleias:

Venha prestar o seu apoio à Ocupação da Câmara Municipal de Belo Horizonte. A Assembleia Popular Horizontal convida a todos que estão em casa para vir tomar o seu café da manhã conosco. Cheguem quando puderem, precisamos de você!
[#ocupecâmaraBh#vempraruabh](#) [#ProtestoBH](#) [#BHnasruas](#)

Já na página BH nas Ruas, 144 postagens (29%) continham elementos mobilizatórios, como o post abaixo:

Está na hora de sair de casa, galera. ÀS RUAS! #BHnasRuas

Também foi possível identificar diversas chamadas para manifestações, por meio de eventos no Facebook, divulgação de vídeos e compartilhamento de outras páginas. Uma postagem interessante diz respeito ao pedido para que os moradores da região ajudassem os manifestantes. Na publicação abaixo, onde eles pedem para que os moradores da Antônio Carlos liberem o wi-fi para que mais manifestantes pudessem fazer uma cobertura dos protestos.

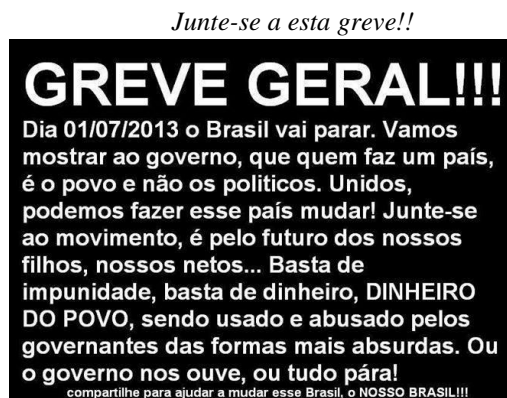
Figura 3- Cartaz pedindo que moradores liberem a rede Wi-Fi

Ajudem os manifestantes!
[#bhnasruas](#) [#vempraruabh](#) [#primaverabrasileira](#) [#ogiganteacordou](#) [#vempraru](#)



Na página Vem pra Rua BH os elementos de mobilização foram os mais identificados nas postagens. Das 30 publicações, 29 continham aspectos de mobilização. Os posts, em sua maioria, estavam relacionados as chamadas para as pessoas se unirem e irem às ruas. Um

exemplo interessante dessa página foi uma chamada para greve geral, que aconteceria no dia 01 de julho de 2013²².



Em nenhuma das páginas no período não foi identificado abaixo assinados eletrônicos ou petições on-line.

5.1.3 Quadro de ação pessoal

Na página da APH o número de postagens identificadas com quadros de ação pessoal foi inferior se comparado às postagens relacionadas as outras duas categorias. Apenas 28,4% dos posts analisados (42) na página versavam sobre quadros de ação pessoal. O post abaixo mostra um exemplo de quadro de ação pessoal e reforça a ideia de que eles podem ser mobilizatórios, uma vez que facilitam as pessoas a se identificar com uma causa. No post, a APH convida as pessoas, individualmente, a colocarem suas reivindicações nos cartazes e marcharem com eles:

²² A chamada para greve, na verdade, surgiu a partir de um evento no Facebook criado por um cidadão²² e recebeu a confirmação de mais de um milhão de pessoas. Os órgãos sindicalistas, no entanto, não oficializaram a chamada da greve e não houve paralisação na data.

Figura 4 - Chamada para oficina de cartazes

Pelo que você marcha?! Coloque a sua voz no papel e venha fazer faixas e cartazes nessa manhã de quarta-feira. Os manifestantes se reunirão às 10h na Av. Rio de Janeiro na região da Praça 7, para confeccionar o material que será utilizado no 5º Grande Ato de Belo Horizonte. Traga caneta, cartolina, papelão, tinta, tesoura e faça a sua!



Na página BH nas Ruas foi identificado um número menor de postagens relacionadas aos quadros de ação pessoal (36 posts, cerca de 7% do total). Na análise, foram encontrados posts que referiam a identificação por uma luta em comum e também frases que foram muito utilizadas durante esse período, como “Vem pra Rua”, “O Gigante Acordou” e que foram importantes para a mobilização das pessoas. No exemplo abaixo, o relato da oficina de cartazes para os protestos. As pessoas protestavam levando nos seus cartazes as suas demandas e reivindicações.

Figura 5- Oficina de cartazes

Oficina de cartazes acontece agora em frente ao Edifício Acaiaca. Os manifestantes produzem cartazes que defendem os direitos e as causas da comunidade LGBT. #BHnasRuas (foto: Ana Rodarte)



Na página Vem pra Rua BH 87% das postagens (26) se referiam a quadros de ação pessoal. Nas postagens, foram identificadas diversas reivindicações, principalmente por meio

de imagens, por demandas gerais, que eram compartilhadas por grande parte dos manifestantes que foram às ruas naquele período. Como no exemplo abaixo, na página também foi encontrado memes, diferentemente das outras duas páginas analisadas. O meme descreve um pouco a desconfiança e a insatisfação da população com a classe política. No entanto, uma personalidade política é identificada na foto: a Presidenta da República. Essa imagem reforça a ideia de que a Presidenta seria a principal responsável pelos problemas políticos relacionados à corrupção. O texto antes da imagem pede que Dilma tome uma atitude com relação a esses problemas.

É Dilma acho melhor você tomar uma atitude!!!

#VemPraRuaBH



A partir da análise feita, pudemos identificar que os conteúdos das páginas trouxeram muitos elementos de mobilização e organização (gráfico 1). Com relação à mobilização, esse fato não é surpreendente, uma vez que o período escolhido para análise foi de intensas mobilizações no país e as chamadas e convites para os protestos eram compartilhadas intensamente nas redes sociais on-line. Além disso, ele reforça a ideia da opinião pública de que os protestos foram convocados pelas redes sociais on-line. Com relação à organização, ela foi vista com bastante frequência nas páginas da Assembleia Popular Horizontal e BH nas Ruas. Como já foi dito, identificamos nas postagens elementos relacionados às formas tradicionais de ação coletiva e também elementos organizativos da ação conectiva (BENNETT & SEGERBERG; 2013). Os quadros de ação pessoal, por sua vez, foram identificados principalmente na página Vem pra Rua BH. Isso pode ser justificado porque uma característica desses quadros é que eles são formados por demandas gerais. O discurso predominante nas postagens da página se caracterizam por chamarem as pessoas a se indignarem com demandas generalistas, como o combate a corrupção, por exemplo. Além disso, o próprio nome da página estava relacionado ao principal quadro de ação durante os protestos.

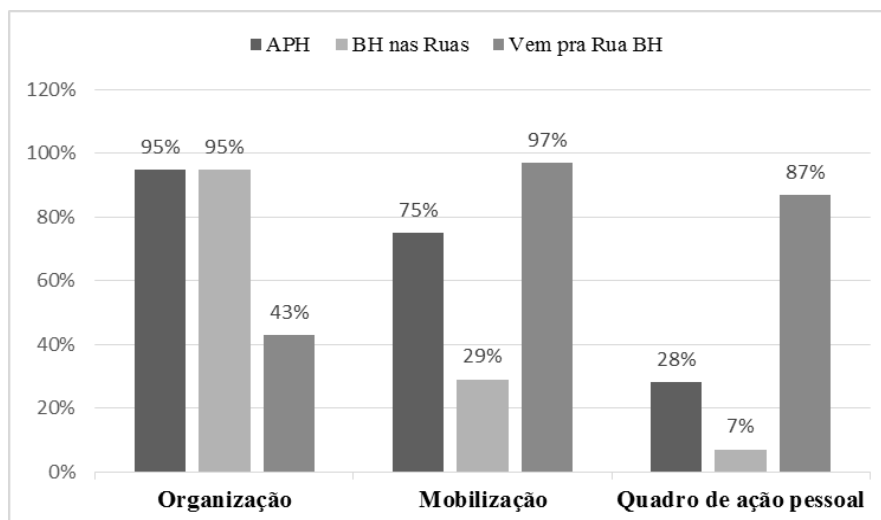


Gráfico 1 - Visão geral das categorias

Fonte: Autor.

Cabe aqui falar um pouco sobre a importância das hashtags na análise realizada. Elas foram encontradas nas postagens referentes a mobilização e aos quadros de ação pessoal (exceto no caso da hashtag #BHnasRuas, que foi usada muitas vezes para divulgar o nome da página). Isso justifica porque o próprio nome das principais hashtags encontradas já indicavam uma mobilização (#vempraruabH; #ocupacâmara; #ogiganteacordou). As hashtags #vempraruabH e #vempraruabH foram encontradas em todas as páginas analisadas, o que reforça a nossa ideia de que foi o quadro de ação pessoal mais importante durante os protestos. A hashtag #ogiganteacordou, no entanto, foi mencionada nas páginas BH nas Ruas e Vem pra Rua BH, mas não foi encontrada na página da Assembleia Popular Horizontal, o que nos reforça a ideia de uma certa rejeição com relação a essa expressão, muitas vezes associada ao que foi chamado de grupo dos “coxinhas”. Muitos manifestantes não concordavam com essa expressão dizendo “Você acordou agora, mas a periferia nunca dormiu!”. Por outro lado, a hashtag #ocupacâmara, relacionada à ocupação da Câmara Municipal só foi encontrada na página da Assembleia Popular Horizontal, isso pode ser justificado porque a ocupação foi uma tomada de decisão da própria APH, fruto da organização da Assembleia. A hashtag #BHnaRuas foi mencionada nas páginas BH nas Ruas, como foi visto, e na APH.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo fazer uma discussão sobre as ações do confronto político contemporâneo à luz das tecnologias de informação e comunicação. Para isso, foi feita uma

análise de conteúdo das postagens de três páginas do Facebook relacionadas aos protestos de junho de 2013 na cidade de Belo Horizonte: Assembleia Popular Horizontal; BH nas Ruas e Vem pra Rua BH. A partir de uma leitura e interpretação dos dados, procurou-se identificar nas páginas três importantes elementos para as ações conectivas de confronto: organização, mobilização e quadros de ação pessoal.

Com a literatura trabalhada, propomos então uma análise para entender como três páginas do Facebook contribuíram para a articulação e organização dos protestos durante o mês junho em Belo Horizonte, MG. A pesquisa, no entanto, não teve a pretensão de entender todos os acontecimentos que permearam os protestos na capital mineira em 2013. Sabe-se que para isso seria necessária uma análise mais extensa, que englobaria pesquisas de mais páginas e redes sociais on-line, além de pesquisas nas mobilizações face a face. O que buscamos aqui foi entender um pouco mais sobre a ação conectiva, onde redes sociais on-line são também responsáveis pela dinâmica da ação (BENNETT & SEGERBERG, 2013). Nesse sentido, entendemos que as manifestações de junho podem ser identificadas no que Bennett & Segerberg (2013) definem como “ação conectiva possibilitada para a multidão”. Nesse tipo de ação, as redes sociais não só ajudam as interações face a face dos ativistas, mas também se tornam eixos organizadores da ação.

Com os resultados da pesquisa podemos identificar um grande sentimento mobilizador nas publicações das páginas. Além das chamadas e convites para as manifestações, as páginas também divulgavam conteúdos que buscavam estimular as pessoas para engajar nas manifestações e na ocupação (este último visto com mais intensidade na página da APH). Isso reforça a ideia defendida pelos pesquisadores dos protestos políticos contemporâneos e replicada pela opinião pública de que os protestos foram convocados, em grande parte, pelas redes sociais on-line.

Ao falar que os protestos foram convocados pelo Facebook identificamos também o aspecto organizacional da ação conectiva, onde as redes assumiram o papel de eixos organizadores, juntamente com as interações face a face. A publicação de informações (tanto das próprias páginas quanto de cidadãos) sobre os protestos e as decisões sobre os próximos passos das ações contribuiu para a continuidade das manifestações. Já os quadros de ação pessoal, característicos da ação conectiva, foram importantes para criar objetos de luta em comum para os manifestantes e, conseqüentemente, mobilizarem para os protestos.

A pesquisa apresenta ainda certas limitações no que diz respeito à análise das páginas, uma vez que não explora os comentários relacionados aos posts analisados, o que não nos permitiu conhecer como os seguidores das páginas tratavam os temas abordados. Para

FERREIRA, Maria Alice S. *#BHNASRUAS: Uma Análise do Confronto Político Contemporâneo a partir de páginas do Facebook*

pesquisas futuras, busca-se estender a análise para que seja possível também englobar os comentários, a fim de entender como os seguidores recebem as publicações. Analisar o conteúdo dos comentários poderia nos levar a achados interessantes sobre discussões importantes que nortearam os protestos. No entanto, a nosso ver, a análise dos comentários requer uma discussão ética sobre o uso de conteúdo sem autorização. Espera-se então que, com este trabalho, possamos contribuir para o avanço dos estudos em internet e política, em especial, ampliar cada vez mais o debate acadêmico sobre as ações políticas de confronto contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ALONSO, A. Repertório, segundo Charles Tilly: História de um conceito. *Revista Sociologia e Antropologia*. Vol. 02.03, 2012.

ALONSO, A. e MISCHÉ, A. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. *Bulletin of Latin American Research*, 2016

BENNETT, W. L, and TOFT, Amoshaun. Identity, technology and narratives: transnational activism and social networks. In: *The Routledge Handbook of Internet Politics*. New York: Routledge, 2010.

BENNETT, W. Lance and SEGERBERG, A. *The Logic of Connective Action: Digital Media and the personalization of Contentious Politics*. Cambridge. New York, 2013.

BENNETT, W. L; SEGERBERG, A. e WALKER, S. Organization in the crowd: peer production in large-scale networked protests. *Information, Communication & Society*. London: Routledge, 2014.

BIMBER, B; STOHL, C. and FLANAGIN, A. Technological change and the shifting nature of political organization. In: CHADWICK, A. and HOWARD, P. *The Routledge Handbook of Internet Politics*. New York: Routledge, 2009.

CARDON, D. *A Democracia Internet. Promessas e Limites*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CASTELLS, M. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

EARL, J. e KIMPORT, K. *Digitally Enabled Social Change*. Massachusetts: The MIT Press, 2011.

EDWARDS, G. *Social movements and protest*. New York: Cambridge University Press, 2014.

GIUGNI, M. Structure and culture in social movement theory. *Sociological Forum*, vol. 13, no 2, June. 1998.

GOHN, M. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HIDMAN, M. *The Myth of Democracy*. Princeton: Princeton University Press, 2009.

JUDENSNAIDER, E. [et al]. *Vinte centavos: a luta contra o aumento*. Sao Paulo: Veneta: 2013.

MARGETTS, H. The Internet and Democracy. In: *The Oxford Handbook of Internet Studies*. New York: Oxford University Press, 2013.

MCADAM, D.; TARROW, S. and TILLY, C. *Dynamics of Contentious*. New York: Cambridge University Press, 2001.

MENDONÇA, R. F. de; ERCAN, S. *Deliberation and Protest: Strange Bedfellows? Revealing the Deliberative Potential of 2013 Protests in Brazil and Turkey*. Paper apresentado na APSA Conference, 2014.

NOGUEIRA, M. A. *As ruas e a Democracia: Ensaio sobre o Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

PEREIRA, M. A. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. In: *Revista Teoria e Sociedade*, 2011.

PEREIRA, M. A. *Ação Coletiva e Facebook – Organização, Identidade e Mobilização do Comitê Popular dos Atingidos Pela Copa (Copac-BH)*, 2015. (no prelo)

PEREIRA, M. A e Santos, P.P. Violência coletiva e o Facebook – os protestos de junho de 2013 no Brasil. Trabalho apresentado no IX Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política – ABCP. Brasília, 2014.

RICCI, R. e ARLEY, P. *Nas ruas. A outra política que emergiu em junho de 2013*. Belo Horizonte: Letramento, 2014.

SNOW, D. and BENFORD, R. Master frames and cycles of protest. In: MORRIS, A. and MUELLER, M. (eds.) *Frontiers in social movement theory*. New Haven: Yale University Press, 1992.

TARROW, S. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis/RJ:Vozes, 2009.

TILLY, C. Claims of Performances. In: *Contentious Performances*. New York: Cambridge University Press, 2008.